

TRABALHOS DE PESQUISA

A VIDA AFETIVO-SEXUAL DE GAYS NA MATURIDADE: NOVOS RECORTES SOBRE OUTROS TEMAS.

Hugues Costa de França Ribeiro¹

THE AFFECTIVE AND SEXUAL LIFE BETWEEN GAYS AT MATURITY: NEW SCRAPS ABOUT OTHERS TOPICS.

Resumo: Apresentamos análises da pesquisa qualitativa de linha fenomenológica que investigou como homens gays acima dos 40 anos significam suas experiências na construção de seus mapas afetivo-sexuais. Foram entrevistados 30 homens gays com idades ente 43 a 58 anos. As entrevistas foram gravadas e transcritas. Utilizou-se para a análise das entrevistas uma combinação de análise de conteúdo (BARDIN, 2004; FRANCO, 2007) e a proposta de Giorgi (1985,1972). Foram elaboradas e analisadas as seguintes unidades de significado nesta nova apresentação dos resultados: vínculos amorosos, a busca de apoio para os conflitos ou a solidão desamparada?; o prazer sexual e suas múltiplas possibilidades; entrada em cena das práticas BDSM: Adesão ou patologização? Nas considerações finais discutem-se questões referentes às práticas BDSM no contexto geral e entre gays na maturidade, as condutas sexuais na busca de maximização do prazer sexual tendo como pano de fundo a heteronormatividade e uma reflexão sobre a teoria queer e os estudos gays e lésbicos.

Palavras-chaves: gay; homens maduros; prazer sexual; práticas BDSM

Abstract: We present analysis a qualitative phenomenological research investigated how gay men over forty years mean their sexual experiences in the construction of their sexual love maps. We interviewed thirty gay men being aged 43 to 58 years. The interviews were taped and transcribed. Was used for the analysis of the interviews a combination of Content Analysis (BARDIN, 2004; FRANCO, 2007) and the proposal of Giorgi (1985, 1972). Were prepared and analyzed the following units of meaning in this new presentation of the results: loving linkages to seek support for conflicts or the helpless solitude?; the sexual pleasure and its multiple possibilities; arrival on the scene of BDSM practices. Be adept or the pathologizing? In the final considerations we discuss issues related to BDSM behaviors in the general context and gays at maturity; sexual conduct in the pursuit of maximizing sexual pleasure with backdrop of heteronormativity and a reflection on queer theory and gay lesbian's studies.

Keywords: gay; mature men; sexual pleasure; BDSM behaviors

1. Prof. Assit. Doutor. Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC, UNESP de Marília – SP (aposentado); Diretor Científico do Centro de Estudos e Pesquisas em Comportamento e Sexualidade – CEPCoS, São Paulo – SP; Editor Assit. da Revista Brasileira de Sexualidade Humana – RBSH, uma publicação da SBRASH. Assessor e parecerista Ad hoc da FAPESP e CNPq. Líder do Grupo de Pesquisa Estudos sobre as Sexualidades – GPESS, UNESP de Marília – SP.
E-mail: hugues@uol.com.br.

Introdução

Este artigo dá continuidade aos resultados de uma pesquisa ampla intitulada “A vida afetivo-sexual de gays com idades acima dos 40 anos por eles mesmos”, cujos resultados têm sido apresentados de maneira parcial em diferentes congressos, simpósios e jornadas e na forma de artigos. Devido à quantidade de temas tratados pelos colaboradores da pesquisa, resolvi apresentar as análises em diferentes publicações, pois um só artigo não faria jus à quantidade de assuntos abordados durante as entrevistas que fizeram parte da pesquisa e da riqueza dos diferentes aspectos que foram levantados pelos entrevistados.

O motivo para a realização desta pesquisa foi o desencanto captado nas vivências de gays acima dos 40 anos com os níveis de satisfação de seus relacionamentos afetivo-sexuais, que acabou por se ampliar para outros temas tratados durante as entrevistas. Como destacou Sedgwick (1990, 2007) apesar da proposta política da liberação gay, que seria marcada pelo fim dos preconceitos e da discriminação na era pós-Stonewall, com a solução proposta da “saída do armário”, a revelação da homossexualidade ainda parece ser um problema administrado pelos gays, sem pensar nos prejuízos que poderão ocorrer.

A referida autora questionou em sua publicação “Epistemologia do armário” (ibid.), se essa revelação, principalmente a involuntária, não teria de ser muito bem pensada, de modo a não gerar prejuízos e consequências indesejadas. A saída do armário em qualquer contexto, seja o profissional, familiar ou social, estava longe de ser uma solução contra o preconceito e a discriminação, bem como o desgaste emocional de uma vida paralela, às escondidas, levada por muitos gays.

Esses homens gays que viveram ainda sob a égide de uma época em que se misturavam a possibilidade da revelação estimulada pela militância e a manutenção de uma vida secreta, compartilhada com poucos, com a inevitável

construção de duplas biografias (HALPERIN, 1990; ALTMAN, 1993; ERIBON, 2008), mostram-nos como administraram, nesse contexto limite, as suas vivências do terreno afetivo-sexual. Por outro lado, construção de suas “cartografias do desejo” (expressão cunhada por Deleuze) ser ainda marcada por contextos poucos favoráveis, também foi possível recriar novas possibilidades para suas experiências afetivo-sexuais.

A elaboração de seus “roteiros afetivo-sexuais”, para usarmos uma teorização proposta por Gagnon e Simon (1973) e Gagnon (2006), foi influenciada pela opressão vivida nos anos em que o silenciamento ainda dominava, para que não pudessem tornar visível esse aspecto de suas personalidades, conduzindo a poder desenvolverem resquícios de uma homofobia interiorizada, com todas as consequências para seu ajustamento pessoal e social pela pressão exercida pela imposição da heteronormatividade compulsória (RICH, 1983; RUBIN, 1975, 1984; BUTLER, 2003).

Neste sentido Foucault (1976/1988, 1990, 2006) destaca que nos últimos 200 anos no Ocidente a construção discursiva da sexualidade levou à proliferação de discursos elaborados para que o sexo e a sexualidade passassem a ser aspectos de interesse e regulação dos comportamentos das pessoas, demarcados por interesses políticos, sociais e econômicos. No entanto, esse poder, exercido por diferentes discursos de poder-saber não localizados em um único setor, ensejam que a essa pressão à normatização oponha-se outra força contrária descrita como “discurso reverso”, que cria novas possibilidades de reação às imposições. Essa reação possibilita a construção de novas “subjetividades” e a afirmação de novas possibilidades para a produção de identidades sexuais e de gênero, com as respectivas características que as acompanham.

Os teóricos queer, corrente que venho adotando em meus estudos e minhas últimas análises, chamam a atenção para o fato de que, apesar de não desprezarem as pesquisas na área

intitulada Estudos de Gays e Lésbicos, pontuam que esse interesse pode reforçar a postura binária (DERRIDA, 1973; LOURO, 2004), que propõe as oposições entre homens e mulheres, masculino e feminino, homossexuais e heterossexuais, privado e público entre outras. O binarismo deve ser combatido, pois cria em sua concepção, reforçada na tradição ocidental e defendida pela teoria essencialista (destaque para o papel da biologia), uma oposição entre polos opostos e independentes, quando de fato são complementares (LOURO, 2004). Na criação dessa oposição, no que diz respeito aos homossexuais, a figura do heterossexual é considerada a central e de importância, a partir desta estabelece o lugar do homossexual como inferior e de segunda categoria (DERRIDA, op. cit.).

Os teóricos queer dão preferência para o desvelamento dos procedimentos colocados em prática para a imposição da heterossexualidade como a única forma legítima e válida para o exercício da sexualidade, por meio da heterossexualidade compulsória.

Admite-se que essa proposta seja a mais eficiente para combater os preconceitos, as discriminações contra os grupos que fazem parte da diversidade sexual. Acredito, no entanto, que conhecer os mecanismos, as dificuldades, as reações desses grupos diante do ainda não legitimado exercício da homossexualidade, ajuda-nos a identificar, prever e colocar em prática ações que possam combater a homofobia em seus diferentes contextos (escolar, familiar e institucional).

Metodologia

A pesquisa teve como objetivo analisar como gays com idades acima os 40 anos, vivenciam diferentes aspectos de suas vidas afetivo-sexuais. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, cujos dados foram analisados pelo método da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2004; FRANCO, 2007), combinado com a proposta de Giorgi (1985, 1972) de linha fenomenológica.

A pesquisa qualitativa prevê como colaboradores um número menor de pessoas, com um destaque para o aprofundamento das análises. Entretanto, quando iniciamos as entrevistas pudemos observar que algumas variáveis como classe social, religião, nível de escolaridade e cultural tinham forte influência no modo que os colaboradores significavam suas experiências afetivo-sexuais. Em função dessa observação, ampliamos o número de entrevistados.

Os colaboradores foram 30 homens gays com idades variando entre 43 e 58 anos, com a média de 47,5 anos (teve-se a preocupação em recrutar colaboradores que pudessem incluir uma diversidade maior de gays nas variáveis citadas), residentes da cidade de São Paulo. Entre os pesquisados, 14 tinham formação superior, nove tinham concluído o Ensino Médio, três cursavam a universidade e quatro concluíram o Ensino Fundamental. As classes sociais variaram de alta, média e baixa (com predominância da classe média). Em relação às religiões foram verificados ateus, evangélicos, cristãos, adeptos da umbanda e budismo.

Os colaboradores foram recrutados em locais de socialização gay na cidade de São Paulo, localizados em diferentes regiões da cidade (bares, discotecas, shopping centers etc.). Também foram recrutados por indicações de grupos de militância gay e pela técnica da "Bola de Neve". A princípio tinha-se como propostas a realização das entrevistas nos locais de socialização gay, mas essa estratégia se mostrou inviável. Desse modo, os contatos eram realizados nesses locais por indicações e as entrevistas aconteceram em local indicado pelos colaboradores, sendo que a maioria delas aconteceu na casa dos colaboradores.

Foi aplicada aos colaboradores uma entrevista semiestruturada, com duração aproximada de uma hora, gravada em fita magnética e depois transcrita na íntegra. O roteiro foi aprovado em estudo piloto. As entrevistas foram submetidas à leitura flutuante (BARDIN, 1970; FRANCO, 2007), e dessa leitura foram elaboradas unidades de signifi-

cado para a compreensão do fenômeno (GIORGI, 1985, 1972).

Todos os colaboradores assinaram um “termo de consentimento esclarecido” para participação na pesquisa, com a garantia de que o anonimato seria preservado. Além desses cuidados era facultativo que poderiam desistir da entrevista, mesmo caso ela já estivesse em andamento.

As entrevistas tiveram início no ano de 2008 e foram concluídas em 2009. O longo período das entrevistas foi ocasionado pela dificuldade de comparecimento dos colaboradores às entrevistas marcadas. Muitas entrevistas precisaram ser remarcadas mais de uma vez.

Análises das unidades de significado

Vínculos amorosos: a busca de apoio para os conflitos ou a solidão desamparada?

Em nossa pesquisa foram entrevistados 30 homens que se identificaram como gays. Desses, 27 já haviam experimentado relacionamentos estáveis, atribuindo tal qualificação para relações que duraram em média três anos. Dez entrevistados coabitavam com seus parceiros e 8, apesar de terem relações estáveis, moravam em casas separadas.

Um tema abordado, principalmente entre os que coabitam ou coabitaram com seus parceiros, foi a dificuldade e desamparo para enfrentar os conflitos que surgiram nos vínculos amorosos estáveis com seus parceiros. Esses homens consideram que hoje em dia a aceitação da vida em coabitação como parcerias amorosas gays pode ser mais fácil, mas quando eram mais jovens só podiam contar mesmo era com um grupo de amigos, também gays. De um modo geral, não contavam com o apoio de familiares para auxiliarem na resolução dos conflitos, o que pode ser mais fácil, de um modo geral, para parcerias heterossexuais (PAIVA, 2007; NUNAN, 2007).

Por outro lado, alegaram como desejar a

participação dos familiares de muitos deles, se se negavam a admitir o vínculo amoroso do filho com outro homem? Havia racionalizações das mais variadas para negar que o filho gostava de outro homem e que mantinham um vínculo amoroso.

“(...) olha, vou falar, a coisa era assim... sabe. Quando eu e Ronaldo² brigávamos era uma merda. Nessa hora... sabe... só dava pra contar com alguns amigos gays... para ajeitar as brigas e separações. A família tanto a dele como a minha... isso é foda... não podia contar com ela. Sabe por quê?... Eles no começo fingiam, achando que eu e ele, que não éramos namorados, mas apenas amigos... Era assim... ouvi muitas vezes meu pai falar: “ele divide a apartamento com um outro amigo”. Nunca... sabe, nunca quiseram aceitar que o filho... gostava de outro homem... que era gay. Algumas vezes quando a briga era séria... eu ficava uns dias na casa de meus pais. Era uma tristeza só... mas não podia falar nada... Todos sentiam que estava mal... mas também não perguntavam se isso tinha a ver com o Ronaldo. Eu inventava mil desculpas para dizer porque tinha saído de casa. Não podia ter o apoio deles.” (Colaborador n. 19).

“Meu pai e minha mãe nunca aceitaram que o filho era gay... Sempre arrumavam uma desculpa para justificar porque havia deixado de morar na casa dos pais tão jovem. Não... não... não queriam aceitar que eram dois homens que se gostavam e viviam como um casal, na mesma casa... uma vida juntos. Isso então fazia com que não podíamos contar com o apoio da família. Muitas vezes chorava pelos cantos... e tinha que ficar calado... só podia contar com alguns amigos que, quase sempre, também eram gays. Não... não é como hoje onde algumas famílias apoiam, sabem do que acontece entre o filho e seu namorado,” (Colaborador n. 5)

É interessante notar que quando foi citado o apoio dos familiares ele, geralmente, era dado

por uma irmã heterossexual (ou irmã lésbica) ou por um irmão ou um(a) tio(a) que no caso também eram gays. Contar sobre sua homossexualidade e receber o apoio de uma irmã era mais habitual do que de irmãos heterossexuais. Pode-se concluir que a rejeição de pessoas do sexo masculino é maior para a homossexualidade. Como apontou Sedgwick (1990, 2007) e Felipe e Belo (2009), isso parece ser pelo fato de que a pressão para a heterossexualidade compulsória entre homens começa a agir desde tenra idade.

Para meninos, ser considerado um “viado” parece uma ameaça sempre reiterada pelo mecanismo da atuação do que Butler identifica como “performatividade” (repetição constante, carregada de desvalorizações), em brincadeiras, chacotas e até mesmo em comentários feitos pelos próprios pais. Ou seja, a repetição constante e exaustiva de discursos que ridicularizam e inferiorizam os homossexuais masculinos.

“Meu irmão... nossa sempre teve pavor... ou medo de viado. Eu sempre... não sei não? Sempre tive um jeito mais... delicado... meio bicha (risos). Ele era um bofe que sempre falava mal... e muito dos gays. Gostava de contar piada de bicha pros seus amigos... e sabe... e eu ouvindo tudo isso... ficava sentindo um zero à esquerda. Apoio, para contar tudo de minha vida de gays... meus casos com outros homens, só mesmo com a minha irmã mais nova... de pouca diferença de idade. Nossa... com ela podia me abrir, contar tudo... Não sei não? Eu acho... pera aí... que as mulheres são mais legais, mais compreensivas, não têm tantos preconceitos... sabe.” (Colaborador n. 3)

“... é eu nunca fui de contar muita coisa sobre minha vida amorosa pra meus irmãos. Nas crises... sempre... ou quase sempre... eu ia chorar as pitangas para meus amigos gays e lésbicas. Meu irmão mais velho era o tipo machão... viado só na casa do vizinho. Eu contava minhas... meus casos... quase sempre... para meu grupo de amigos gays. Ah quando era mais jovem tinha

também um tio, que eu... já sabia que era gay. Não deu pra ele esconder... de mim. Uma vez tava numa discoteca... chamada Gent's e dei de cara com ele... Não fugi do encontro não! No outro dia ele me chamou para uma conversa... Ele era um homem mais velho... tinha mais experiência... então ele passou a ser meu confidente.” (Colaborador n. 21)

Foi também possível desvelar que a segurança para dar visibilidade às suas orientações afetivo-sexuais com outros grupos, que não o de amigos e amigas homossexuais, foi acontecendo aos poucos, na medida em que havia mais segurança profissional, mais maturidade emocional e estabilidade financeira. Desse ponto em diante era mais fácil abrir para interlocutores sua homossexualidade e confiar suas experiências afetivo-sexuais. No entanto, como já destacou Sedgwick (1990, 2007), a “saída do armário” e a confiança em compartilhar experiências amorosas com pessoas não gays necessitava ser avaliada com cautela, pois poderiam causar danos, prejuízos consideráveis em uma série de áreas.

“Eu levei muito anos para ter a confiança para me abrir... contar sobre minha identidade gay... compartilhar minha vida com outras pessoas que não fossem também gays. Sempre... ou quase sempre... era a dúvida. Conto... não conto? Aí você vai ficando mais adulto, fica... sabe... mais seguro... muito mais independente. Sem contar que ser gay hoje não assusta tanto quanto eu era mais jovem. Mas tem uma coisa... que tem que ser bem avaliada... para quem você pode contar?. Não... não... não é pra qualquer um, pois essa informação pode te prejudicar. Hoje tenho muitos amigos héteros que sabem de mim... homens e mulheres. Esses amigos são pessoas mais íntimas e têm uma cabeça mais aberta.” (Colaborador n. 17)

Pode-se observar que mesmo quando a revelação da homossexualidade ocorreu ou de forma explícita ou sem o desejo dos gays, de forma

acidental, não foi possível, de saída, contar com o apoio dos pais. Em algumas situações houve represálias, tentativas de sugerir a ida a psicólogos e até ameaças de expulsão de casa. Só com o passar do tempo, os que possuíam relações estáveis tiveram seu parceiros acolhidos pela família e puderam encontrar apoio para participar suas vidas amorosas aos familiares e discutir possibilidades para lidar com os conflitos quando surgiam.

“Minha vida ficou de ponta cabeça quando meus pais souberam que era gay. Foi a maior confusão. Eu fiquei me sentindo muito mal... foi uma fase horrível na minha vida. Tava namorando o Cláudio fazia um ano... mas sempre o apresentei... para camuflar as coisas... como meu melhor amigo. Aquela coisa, sabe... que todo mundo percebe, mas finge que não vê... mas tá mais do que na cara! Eu e ele não tínhamos onde ficar para transar, ter nossa intimidade. A grana também era curta... para motel toda hora. Aí minha família foi viajar... para interior... visitar minha avó. Como a casa dos meus pais ficaria vazia, resolvi que iríamos dormir lá no fim de semana. Tava na maior animação... nem te conto. Só que meus pais voltaram antes... e por azar de madrugada. Deram um flagra na gente dormindo juntos e... o pior... abraçados. Meu pai ficou uma fera... disse os diabos para mim. Botou o Cláudio para fora da casa. Eu fui tratado durante meses como um doente, como um marginal. Fui mandado para psicólogo e tentaram de tudo para me afastar dele.” (Colaborador n. 6)

“Foi assim... No começo da minha relação com o Maurício, quando falei em casa... foi o maior barraco. Não queriam aceitar... fizeram de tudo, com insinuações do tipo: será que você é gay mesmo? Isso vai passar... Olha que eu já tinha 22 anos (risos). Meu pai, aliás meu padrasto, pois meu pai morreu eu era muito pequeno, ficou sem falar comigo por muito tempo; fazia uma cara de reprovação; mas aí... você sabe, não aceitei as chantagens, fiquei calado e levei adiante minha

vida com ele. É claro que depois que sai de casa... pois já era independente, tinha minha grana... era dono de meu nariz, tudo começou a mudar... a mudar mesmo... Aos poucos fui levando o Maurício para eles conhecerem melhor... mas tudo aos poucos. Acho... que eles foram percebendo que o Má, é assim que chamava ele... ele era uma pessoa legal, honesta, um batalhador. Aí a coisa foi mudando, e pude me sentir mais à vontade e conversar mais abertamente sobre alguns problemas que puderam surgir.” (Colaborador n. 13)

O prazer sexual e suas múltiplas possibilidades

Foi possível conhecer as formas pelas quais esses homens obtinham maximização do prazer em suas práticas sexuais. Dos entrevistados 21 alegavam que a forma para a obtenção de prazer mais excitante é o sexo com penetração. Apontavam para tal satisfação à sensação plena de fusão dos corpos, sensação de dominar o outro ou ser dominado por ele; a possibilidade de troca de papéis entre ser ativo e passivo (citado como predominante em relações estáveis do que em transas casuais) até mesmo numa mesma transa.

“Na hora da transa... vale tudo para aumentar o tesão. Quase sempre acontece um bom boquete ou um sessenta e nove... Ah isso acontece e esquento o babado. Mas para a maior satisfação nada melhor (risos) que o sexo com a penetração. Enfiar um pau num belo rabo ou ser comido por um homem sexy e tesudo é tudo de bom. Se os dois conseguem gozar juntos... porra aí é o máximo do prazer. A gente parece que vira uma coisa só... é uma união fantástica. Essa sintonia... essa foda “the best” tem mais chance de pintar com alguém que namoramos. Já nas outras fudas... isso pode não acontecer.” (Colaborador n. 9)

Fica evidente que parece que entre gays ainda há a tendência de se orientar para avaliar as práticas sexuais que propiciam maior prazer, com base no modelo heterossexual, quando destacam

como maximização do prazer, o fato de ser “dominador” ou “dominado”, interpretação que nos remete a questão da construção dos gêneros onde a “atividade”, parece estar associada ao papel masculino (dominação na relação sexual – ser o penetrador) e “passividade” (ser dominado na relação sexual – ser penetrada) papel feminino (PARKER, 1991).

Esse tipo de representação é de que para que o sexo seja ideal entre homens heterossexuais para afirmação da masculinidade existe, quase sempre, a necessidade da penetração que simboliza o prazer maior e que deve ser almejado por todos os homens. Como aponta Louro (2004) essa matriz heteronormativa serve para a significação dos corpos e incorpora as praticas sexuais que devem ser priorizadas na construção dos gêneros.

No entanto, também pode-se verificar que dois entrevistados consideravam igualmente maximizadores do prazer não apenas o sexo com penetração (masturbação mútua, sexo interfemural, sexo oral etc.) e sete alegavam que preferiam o sexo oral (felação) como a forma de obter o maior prazer sexual entre dois homens. Nesse sentido apontam algumas sensações pouco agradáveis, principalmente por terem preferência de atuar como passivos.

“Pra mim não tem essa coisa da transa gostosa sempre ter que... acontecer... de ter que foder o cara ou você ter que dar. Não tem isso não... como uma obrigação, tipo: tem que ser assim ou não dá prazer. Eu tenho um prazer igual quando faço um bom sessenta e nove (risos) posso até gozar gostoso nessa posição... principalmente se alguém chupa as bolas do meu saco... uau! Uma boa linguada no cu... ah isso dá um puta prazer... dá muito tesão. Se sou chupado por baixo... posso me masturbar e gozar muito gostoso,” (Colaborador n. 7)

“Eu só faço a penetração quando meu parceiro fica afim... muito afim. Mas... sabe de uma coisa...

Eu acho mais gostoso... muito mais gostoso o boquete... (risos) Ainda quando você come alguém... a camisinha pode estourar... E se você é quem tá dando a coisa dói muito... pois o pau do sujeito... dependendo do tamanho... é um problema a mais!” (Colaborador n. 13)

“(...) essa coisa de que sempre... no sexo... tem que ter a penetração para muito... muito prazer, acho que comigo... e com muitos de meus amigos não rola... Não rola mesmo... não é? Uma transa pode ser muito boa só com o boquete. Sabe... eu até prefiro, pois gozo mais gostoso.” (Colaborador n. 5)

“Eu sempre gostei de ser passivo... desde quando era guri... mas nas brincadeiras com os primos... no troca- troca os cacetes ainda não estavam de um tamanho que pudessem machucar, na hora do vamos ver. Aí... você sabe...quando fiquei adulto e comecei a querer dar para outros homens... sempre senti uma puta dor. Nossa... eu tentava dar... mas tinha medo de me machucar... e também dóia pra caralho... Aí passei a preferir fazer boquete nos meus parceiros e isso me dá muito prazer... não preciso dar o rabo. E tem mais... quando estou chupando a pessoa posso bater uma e gozar gostoso.” (Colaborador n. 27)

A entrada em cena das práticas BDSM. Adesão ou patologização?

Pôde-se verificar que entre os gays entrevistados, apesar de construírem suas identidades gays e práticas sexuais, em épocas nas quais a adesão para práticas consideradas pouco ortodoxas e até interpretadas como “perversões” para a obtenção do prazer sexual pareciam pouco divulgadas e acessíveis, alguns passaram a incorporar tais comportamentos em suas relações sexuais. A internet teve papel importante para dar visibilidade a determinadas práticas na diversificação de possibilidades e outras maneiras de incrementar o prazer sexual.

Cabe acrescentar que se verifica entre acadêmicos e pesquisadores a tendência de

deixarem de patologizar as praticas BDSM e por adotarem uma abordagem exploratória para compreender as experiências e os significados existentes entre pessoas que incluem o BDSM em suas práticas sexuais (TAYLOR; USSHER, 2001; WRIGH, 2006; CONNAN, 2010).

Desde o século XIX as práticas sadomasoquistas (SM) eram abordadas como perversão pelo discurso da psiquiatria, sendo propostas formas de tratamento (MOTA, 2011). No decorrer do século XX o termo perversão desaparece da terminologia psiquiátrica internacional, sendo substituído por parafilia, que pode ser compreendida como uma forma de amor paralela às usuais (RUSSO, 2004; MURIBECA, 2009; RODRIGUES, 2012).

Entretanto, essa modificação da terminologia que possibilitou um novo enquadramento não patológico para as práticas BDSM resistiu ao fato de essas práticas não serem consideradas transtornos sexuais (RODRIGUES, 2012). Crucial para essa mudança de postura foi a campanha promovida por ativistas BDSM para provar o afastamento da visão de suas práticas como patológicas, ao dialogarem com a psiquiatria, argumentando que o SM pode ser praticado de uma maneira psicologicamente saudável (ZILLI, 2007, 2009; RODRIGUES, 2012).

Longe de ser uma prática dos grupos que fazem parte da diversidade sexual, essas práticas têm sido registradas na população em geral. Segundo Connan (2010), um estudo norte-americano relata que 14% de homens e 11% das mulheres tenham tido experiências sadomasoquistas, e outros estudos revelam uma maior frequência de práticas e fantasias BDSM.

Na Inglaterra surgiu o termo kink ou kinky para descrever as experiências de pessoas com práticas BDSM, em oposição ao BDSM como sendo um estilo ou atividade de vida (Ibid., p. 1).

Três dos quatro colaboradores que se identificaram como praticantes de BDSM poderiam ser enquadrados na categoria Kink, ou seja, colocavam em prática algumas vezes essas práticas, mas não

se identificavam como tendo um estilo ou atividade de vida BDSM. Esses três relataram a realização de tais praticas BDSM uma vez ou outra. Apenas um colaborador declarou praticar a BDSM como um estilo de vida. Esse entrevistado alegava frequentar grupos unicamente votados para práticas BDSM, que estariam sendo acessados por contatos feitos pela internet.

“A primeira vez que usei o SM para me excitar numa transa... foi assim meio estranho... pois foi um parceiro que me pediu para dar com um chicote nas costas dele... Com o tempo fui percebendo que esse tipo de jogo aumentava meu tesão na hora do sexo. Aí... depois de um tempo, passei a utilizar essas coisas. Eu... sabe, no começo usava dar umas palmadas na bunda da pessoa... depois gostava de receber também as palmadas... minha excitação aumentava... e muito. Depois comprei alguns objetos em sex shops. Primeiro foi um par de algemas... depois uns chicotinhos. (risos) Mas tem uma coisa... não uso essas coisas sempre... sabe? É uma vez ou outra. Posso transar, numa boa, sem precisar sempre disso... tá.” (Colaborador n. 28)

“Eu... sempre sabia... que gostava de brincadeiras de bater, ser dominado pelo homem que transava comigo. No começo ficava sem jeito... pois nem todo mundo aceitava isso. Você sabe... ficava... um clima... assim... meio esquisito! Estranho mesmo. Eu fui descobrindo isso aos poucos. Aí foi legal ir para a internet descobrir grupos de pessoas que praticavam sempre o SM... Fiquei super contente... ali tava a minha turma. Mas sabe, tinha um problema... eu também era gay... e muitos sites só aceitavam gente hétero. Fora do Brasil tem mais sites para SM que também são gays. Eu fui... aos poucos sabendo de grupos de gays que... tinham práticas SM... aí... passei a frequentar sempre.” (Colaborador n. 8)

Os quatro entrevistados fizeram alusão a diversos tipos de recursos tanto de bondage

como de artefatos utilizados nas práticas BDSM. Em relação ao “bondage” utilizavam-se de cordas, fios de nylon, amarras em couro e algemas (em couro e em metal) e vendas para olhos. Para as práticas SM, além das palmadas nas nádegas, usavam chicote de camurça, coleira para pescoço, máscaras de couro, capuz para o dominador e vibradores; objetos presentes nas aventuras de Christian Gray e Anastasia Steele personagens centrais da publicação *Cinquenta tons de cinza*, que vendeu setenta milhões de exemplares em todo o mundo.

“(...) eu uso alguns jogos para aumentar a excitação. Não é sempre não... mas gosto de ser amarrado com as algemas na cabeceira da cama... o parceiro pode fazer o que quiser de mim... essa sensação aumenta o tesão. Também... nossa... vender os olhos, gosto muito de fazer isso. Comprei ainda uma máscara de dominador... sei lá... acho que é de torturador... só os olhos e a boca ficam de fora... Às vezes é legal ficar algemado na cama e a pessoa que transa com você coloca a máscara e simula uma sessão de tortura... Mas não posso pedir que façam isso sem conversar antes. Tem gente que acha que... que esse tipo de coisa é aberração... que quem gosta disso é doente.” (Colaborador n. 10)

“Vou te contar uma coisa, eu e meu caso... fazemos umas brincadeiras para aumentar o tesão nas transas. Eu e ele gostamos de alternar alguns papéis... assim. A gente usa cordas, principalmente, as de nylon... às vezes... é assim. Eu amarro suas mãos e pernas... e coloco uma mordida na boca. Então a gente... começa um teatro onde eu sou o senhor e ele é... deixa eu ver... um tipo de escravo ou de prisioneiro. Aí ele tem que obedecer as minhas ordens que acabam levando a realizar meus desejos sexuais. Isso dá

muito tesão... como dá. Outras vezes é ele quem me amarra... e eu... tenho que obedecer... o que ele me pede pra fazer. É legal também sabe, fazer a brincadeira usando algemas. Nós usamos na brincadeira... também.. assim... dar uns tapas, mas não... coisa forte que machuque de verdade. Acho que fazemos.... o que se chama por aí....de SM. Mas tem uma coisa... quero falar sobre isso... não, não faço isso sempre... é só uma forma de colocar uma pimenta a mais... (risos).” (Colaborador n. 21)

Quando sondamos quanto às preferências entre a dominação ou submissão, três dos entrevistados que incorporavam as práticas Kink gostavam de alterar os papéis e apenas um declarou gostar de apenas participar na condição de submisso.

Outra prática que foi citada como uma conduta sexual que vem se difundindo entre gays (mas não somente entre gays) é o que foi denominado como Fisting Fucker⁴ ou simplesmente Fisting, que consiste na introdução das mãos até o punho no ânus dos parceiros, para gerar aumento do prazer. Entre os 30 entrevistados apenas 2 declararam ser adeptos dessa prática, mas parece que o fato de apenas dois colaboradores citarem tal conduta, pode se dever ao fato de que ainda existe muito preconceito com esse tipo de comportamento na cena sexual. Essa conclusão pode ser atestada, pois esse tipo de conduta aparece em vídeos disponíveis em sites que veiculam material erótico e sexual direcionado para o público gay, o que evidenciam seu interesse e consumo. Entre esses podemos citar o “Assustador mundo do sexo entre homens” e o “Gay male tube”, entre outros. Muitos desses sites ao veicularem filmes eróticos/ pornográficos, os dividem por categorias e entre elas aparecem os fisting tube. O preconceito contra o fisting pôde também ser deduzido de algumas falas

4. Na prática do fisting fucker, é comum que a pessoa que faz a penetração se utilize de luvas plásticas (cirúrgicas) para evitar problemas de gerar infecções e contaminações por bactérias na mucosa anal do receptor. Se fizermos uma tradução do termo para o português seria algo como “penetração com o punho”.

dos colaboradores. Alguns chegaram a considerar essa prática como patológica e outros argumentaram que essa conduta pode ser muito dolorosa para o receptor e introduzir problemas de saúde com sua prática rotineira.

“Essa coisa... O fisting... não acho nada legal. Não consigo aceitar que alguém sinta tesão nisso. Quando você é comido.... o cara tem que começar aos poucos... não dá para colocar tudo de uma vez... (risos) Agora imagine enfiar o punho lá...” (Colaborador n. 11)

“Vou te falar uma coisa, tenho observado nos sites para gays... muitos vídeos... quando um cara penetra o outro com as mãos enterrando até o punho. Isso para mim, não pode ser normal... não, não pode mesmo... acho que quem faz isso tem problemas... e põe problema nisso... Acho difícil que um gay possa sentir algum prazer nisso. Quando vi esse tipo de vídeo... foi uma coisa até... que me deu um certo calafrio... me incomodou, não me deu tesão nenhum... até tive um certo nojo... não... não achei nada... não dá tesão... e sim... assim... uma coisa broxante.” (Colaborador n. 24)

“Ah, eu pratico a penetração com o punho... acho... uma sensação muito boa de ser penetrado desse jeito... O mano que faz a penetração... deve usar uma luva... para evitar problemas... tudo com muita higiene. Faço um bom chucha⁵ antes... senão... pode não ser legal.” (Colaborador n. 18)

Nesse contexto cabe destacar que as práticas BDSM têm sido verificadas na população como um todo, não se restringindo aos grupos que fazem parte da diversidade sexual. Pesquisas e publi-

cações internacionais (KRUEGER, 2010a, 2010b; FEDOROFF, 2008; LANGDRIDGE; BARKER, 2007.) e nacionais (FACCHINI; MACHADO, 2013, 2012; SANTOS, 2013; MELO, 2010; ZILLI, 2007, 2009; LEITE JÚNIOR, 2000) atestam a presença de tais práticas e a mudança em sua interpretação. Por outro lado, diferentes pesquisadores, médicos e psicólogos têm chamado a atenção para que se realize uma reflexão, principalmente entre terapeutas e profissionais que atuam em aconselhamento, de valores, atitudes e crenças relacionadas à sexualidade, de como esses são influenciados pela cultura em que se estão inseridos e toda a herança das tradições religiosas e mesmo das políticas normalizadoras destacadas de forma exponencial por Michel Foucault (1976/1988).

Considerações finais

Ao abordarmos e interpretarmos aspectos presentes na vida afetivo-sexual de gays acima dos 40 anos por eles mesmos, temos um recorte de suas vivências, que tem como pano de fundo a época em que foram construídos os seus “mapas afetivo-sexuais”. Essa época foi marcada pela quase impossibilidade de visibilidade para suas homossexualidades, quando “sair do armário” geraria conflitos, dissimulações e até o desenvolvimento de duplas biografias (uma espécie de vida dupla) com todos os problemas emocionais decorrentes (GAGNON, 2008).

Descrever, interpretar e reconhecer esses aspectos nos remete à uma visão retrospectiva da trajetória desses homens no terreno afetivo-sexual. Suas dificuldades, adaptações e maneiras de acompanhar o que vai surgindo no cenário da sexualidade, pela dinâmica da socie-

5. Nome popular entre adeptos do sexo anal que implica na introdução de líquido no ânus, para poder eliminar todo o resíduo fecal que ainda possa existir, para favorecer uma conduta sexual mais higiênica. A limpeza interna é realizada usando-se uma mangueira de chuveiro ou de borracha conectada a uma torneira, que deve ser introduzida no ânus, ligada e depois se evacua toda a água suja para realizar a limpeza. Prática também conhecida como enema ou clister, sendo realizada como preparação para determinados exames laboratoriais.

dade que está em processo constante de novas significações e ressignificações de aspectos relacionados à sexualidade de grupos que fazem parte da diversidade sexual.

Cabe acrescentar que muitos aspectos dos assuntos presentes, abordados e discutidos na vida afetivo-sexual de gays na maturidade, não são exclusivos desse grupo (FÈRES CARNEIRO, 1999; HEILBORN, 2004; NUNAN, 2007; GREGORI, 2010, 2004). Também têm sido alvo de transformações significativas nos últimos trinta anos entre heterossexuais, lésbicas e bissexuais.

Observamos, por este recorte, que nossos colaboradores se viram diante da necessidade de aderir ou recusar outras possibilidades para o exercício do prazer, que na pós-modernidade foram alcançando maior visibilidade, como as práticas BDSM. Para termos uma ideia de um novo panorama que se abre para as buscas de formas alternativas para o aumento do prazer sexual, basta verificar a proliferação de sites que colocam à venda produtos dedicados as práticas BDSM. Isso não significa que não tenham existido no passado, mas a sociedade de consumo deu-lhes maior visibilidade.

Essas práticas ganharam maior notoriedade com o sucesso de vendas do livro “Cinquenta tons de cinza” e as suas continuações, estimulando outras publicações do gênero. A obra foi um sucesso mundial e chegou à cifra de milhões de exemplares vendidos no mundo (ACKERMAM, 2013). Na publicação, como personagens centrais, um homem introduz as práticas BDSM na vida de uma jovem mulher, que passa a descobrir os prazeres que lhe são apresentados pelo parceiro. Há, no enredo da trama, um jogo de submissão e dominação que fascinou principalmente as leitoras mulheres.

Essas novas alternativas para a busca do prazer foram também estimuladas pelo fato de seus adeptos poderem se organizar e se comunicar por meio de salas de bate-papo, de sites e blogs dedicados ao público BDSM, criando um forte incentivo por meio das redes sociais, para que saíssem das

sombras e abandonassem a condição secreta e evidenciassem a elaboração de um discurso libertador. Essa visibilidade e aceitação também podem ter sido favorecidas pelo fato de que o DSM IV, guia influente para os diagnósticos da área psiquiátrica, influenciou as comunidades terapêuticas a adotarem uma nova postura diante das práticas SM que podem ser realizadas de uma maneira psicologicamente saudável (ZILLI, 2007, 2009; KRUEGER, 2010a, 2010b).

Um único entrevistado, praticante que se identificou com o padrão de estilo de vida BDSM, foi taxativo sobre não haver nenhum tipo de imposição de práticas realizadas sem que os pares concordem entre si, pois todos os envolvidos devem seguir o lema SSC – São, Seguro e Consensual.

Entretanto, a tentativa de despatologização das práticas BDSM ainda encontra resistência em ser interpretada como algo saudável. Verificamos entre os gays entrevistados que apenas quatro assumiram incorporar em suas atividades sexuais as condutas BDSM. Entre os gays entrevistados se observou ainda a manutenção de preconceito contra tais tipos de práticas e parece que a quantidade dos que as utilizam poderia ser ainda maior. Porém, a não diminuição desse tipo de preconceito (como algo doentio) levou que não relatassem o envolvimento com tais práticas.

“Eu não gosto dessa coisa de dar porrada, de bater durante a transa... prender o outro com algemas... e por aí vai. Isso eu não gosto... é uma coisa meio doente. Sexo para mim tem que ser normal. É claro que papai e mamãe (risos)... sempre... enche o saco... mas daí partir para agredir, colocar uma mordaca na boca... Puta que o pariu, isso não pode dar prazer... Essas pessoas tinham que procurar uma terapia.” (Colaborador n. 29)

A maioria dos gays entrevistados ainda parece não admitir que nem sempre a dor nas práticas sexuais está associada ao desprazer e anormalidade. Na dependência dos contextos sociais e culturais, a dor pode ser influenciada

pela maneira como o ambiente social elabora sua representação, podendo ser considerada erótica (MOTA, 2011). Roudinesco (2008), em sua publicação intitulada *A parte obscura de todos nós: Uma história dos perversos remete-nos à história de personagens do mundo medieval como os místicos, que ofertavam seus corpos a Deus, como os flagelantes (que imitavam a paixão de Cristo), quando a imposição de castigos corporais poderia ser interpretada como uma forma de aproximação com o divino, uma forma de purificação* (Ibid. p. 16).

Em muitas histórias relatadas por Roudinesco (op. cit.) podemos verificar a alternância da interpretação dos castigos corporais impostos pelas pessoas a si próprias, como uma forma de alternância entre o sublime e o abjeto.

Se, em nossos dias, o termo “abjeção” remete ao pior da pornografia através das práticas sexuais ligadas à fetichização da urina, das matérias fecais, do vômito ou das secreções corporais, ou ainda à uma corrupção de todas as interdições, ele não é dissociável, na tradição judaico-cristã, de sua outra faceta: a aspiração à santidade. Entre o enraizamento na conspurcação e a elevação do que os alquimistas chamavam outrora de “volátil”, em suma, entre as substâncias inferiores – do baixo ventre e do monturo – e as superiores – exaltação, glória, superação de si –, existe, portanto, uma estranha proximidade, feita de renegação, clivagem, repulsa, atração (p. 18).

Por último, esse recorte da pesquisa desvelou que parece que gays podem valorizar outras formas de busca do prazer que não apenas a satisfação sexual pela prática apenas da penetração, como a verdadeira forma de obtenção do prazer sexual maior. Essa forma de satisfação para homens heterossexuais parece ser uma quase exigência em função até mesmo da imposição da medicina higienista, a partir do século XVIII, quando o sexo para fins reprodutivos passa a ser estimulado como política de Estados-nação, proposta de atuação que Foucault designou como biopolítica

(FOUCAULT, 1976/1988, 1990, 2006; MARTINS, 2006).

Uma parte dos gays colaboradores da pesquisa foi incisiva em valorizar um estilo de prazer em que o sexo oral pode ser considerado mais prazeroso que o sexo com penetração, podendo preferi-lo como forma de obtenção mais efetiva de prazer. Não nos foi possível identificar, nesse sentido, se esses homens ao indicarem tal preferência para a busca do prazer sexual estariam buscando uma forma de contato sexual que romperia com a necessidade de que tivessem de se posicionar como “ativos” ou “passivos” durante a cópula. Já que a construção dos gêneros masculinos e femininos está ainda impregnada na oposição “ativos para os homens” (que deve realizar a penetração) e “passivas para as mulheres” (que devem ser penetradas) [PARKER, 1991]. No entanto, parece que essa possa ser uma hipótese levantada.

Em certa medida essa predileção de parte dos gays, do prazer maior por meio da prática da felação, poderia significar uma relutância em um enquadramento em fórmulas de comportamentos sexuais calcados na influência da heteronormatividade.

Outras pesquisas necessitam ser realizadas para o desvelamento de questões que apontam para as dificuldades e mecanismos colocados em ação por grupos que fazem parte da diversidade sexual, para lidar com as opressões que ainda enfrentam. Não considero que as pesquisas que se enquadram no que se identifica como Estudos Gays e Lésbicos possam reforçar o “binarismo” (DERRIDA, 1973) incentivando a oposição heterossexualidade e homossexualidade como polos opostos e não interdependentes, crítica pertinente realizada pelos teóricos queer (LOURO, 2004).

Fica claro que a questão mais central seria desvelar as estratégias e os mecanismos que foram colocados em prática para delegar à heterossexualidade uma posição central em oposição às homossexualidades consideradas

categorias inferiores não legitimadas para o exercício das sexualidades. Ou seja, que discursos de poder-saber, para usar uma linguagem foucaultiana, foram articulados e elaborados com interesses políticos, econômicos e sociais, para privilegiar a heterossexualidade na criação de hierarquizações.

Ainda assim, os estudos e pesquisas de grupos pertencentes à diversidade sexual, tem valor bastante significativo quando pensamos e atuações em aspectos médicos, psicológicos e sociais. No âmbito das atuações terapêuticas podem alertar sobre mecanismos, dificuldades e agenciamentos, com suas repercussões sobre aspectos psicológicos e suas repercussões na vida de pessoas com orientações sexuais não hegemônicas.

Referências

- ACKERMANN, L. Seis Tons de Outra Coisa. *Veja*, 05 mai. 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tag/cinquenta-tons-de-cinza/>>. Acesso em: 27 de março de 2013.
- ALTMAN, D. *Homosexual oppression and liberation* (1971). Enlarged ed. London: Serpent's Tail, 1993.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CONAN, S. Um "Kink" em desenvolvimento. Londres, *Therapy Today*, v. 21, 6 jul. 2010. Tradução de Miguel Montenegro. Disponível em: <http://pinktherapy.com/portals/O/P_Kink.pdf> . Acesso em: 27 de fevereiro de 2013.
- DERRIDA, J. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- ERIBON, D. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2008.
- FACCHINI, R. Comunidades imaginadas: um olhar sobre comunidades políticas a partir de mulheres que se relacionam com mulheres no meio BDSM. *Pensata (Unifesp)*, v. 1, p. 6-25, 2012.
- FACCHINI, R. Praticamos SM, repudiamos agressão: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, n. 14, p. 195-228, ago. 2013.
- FEDOROFF, J. P. Sadism, sadomasochism, sex, and violence. *The Canadian Journal of Psychiatry*, v. 53, n. 10, p. 637-646, 2008.
- FELIPE, J.; BELLO, A. T. Construção de comportamentos homofóbicos no cotidiano da educação infantil. In JUNQUEIRA, R. D. (org.) *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: UNESCO, 2009, p. 141-157.
- FÉRES CARNEIRO, T. Conjugalidade: um estudo sobre as diferentes dimensões da relação amorosa heterossexual e homossexual. In: FÉRES CARNEIRO, T. (org.). *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: Nau, 1999. p. 96-117.
- FOUCAULT, M. *Estratégias de poder-saber*. Coleção Ditos & Escritos IV. MOTTA, M. B. (org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: vontade de saber* (1976). 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- FOUCAULT, M. Qu'est-ce que la critique? *Bulletin de la société française*, t. LXXXIV, année 84, n. 2, p. 35-63, abr.-jun. 1990.
- FRANCO, M. L. P. B. *Análise de conteúdo*. Série Pesquisa v. 6. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora,

2007.

GAGNON, J. H. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GAGNON, J. H.; SIMON, W. *Sexual conduct: the social sources of human sexuality*. Chicago: Aldine, 1973.

GIORGI, A. Hacia la investigación fenomenológica en psicología. *Revista Interamericana de Psicología*, n. 6 (3-4), p. 265-286, 1972.

GIORGI, A. *Phenomenology and psychological research*. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1985.

GREGORI, M. F. *Prazeres perigosos: Erotismo, gênero e limites da sexualidade*. 2010. Tese (Livro docência). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade de Campinas – UNICAMP, Campinas.

GREGORI, M. F. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M. In: GREGORI, M. F.; PISCITELLI, A.; CARRARA, S. (orgs.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p.235-255.

HALPERIN, D. *One hundred years of homosexuality and other essays on Greek Love*. Nova York: Routledge, 1990.

HEILBORN, M. L. (org.). *Dois é par: Gênero e identidade sexual um contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

KRUEGER, R.B. The DSM criteria for sexual masochism. *Archives of Sexual Behavior*, v. 39, n. 2, p. 346-356, 2010a.

KRUEGER, R.B. The DSM criteria for sexual sadism. *Archives of Sexual Behavior*, v. 39, n. 2, p. 325-345, 2010b.

LANGDRIDGE, D.; BARKER, M. (Eds.). *Safe, sane and consensual: contemporary perspectives in sadomasochism*. Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan, 2007.

LEITE JÚNIOR, J. *A cultura SM*. Monografia (Graduação em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Manual Diagnóstico e Estatístico de transtornos mentais DSM IV-TR. 4. ed. rev. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

MARTINS, C. J. A vida dos corpos e das populações como objeto de uma biopolítica na obra de Michel Foucault. In: SCAVONE, L.; ALVAREZ, M. C.; MISKOLCI, R. (orgs.). *O legado de Foucault*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006. p. 177-198.

MELO, M. L. *A dor no corpo: identidade, gênero e sociabilidade em festas BDSM no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, 2010.

MOTA, A. M. V. *Para além da dor: fantasias de prazer, poder e entrega. Um estudo sobre bondage e disciplina, dominação e submissão e sadomasoquismo*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Junho, 2011. Disponível em: <sigarra.up.pt/fpceup/pt/pubs_pesquisa.show_publ_file?pct_gdoc_id>. Acesso em: 11 outubro de 2012.

MURIBECA, M. As diferenças que nos constituem e as perversões que nos diferenciam. *Revista PePsic: Periódicos Eletrônicos em Psicologia*, Belo Horizonte, n. 32, nov. 2009. Disponível em: <<http://www.cbp.org.br/perversoesdiferenciam.pdf>>. Acesso em: 08 agosto de 2011.

NUNAN, A. *Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual internalizado*. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica – RJ, 2007.

PAIVA, A. C. S. Reserva e invisibilidade: a construção da homoconjugalidade numa perspectiva micropolítica. In: GROSSI, Miriam; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz. *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007, p. 23-46.

PARKER, R. G. *Corpos, prazeres e paixões*. A cultura sexual do Brasil contemporâneo. São Paulo: Best Seller, 1991.

RICH, A. Compulsory heterosexuality and lesbian experience. In: SNITOW, A.; STANSEL, C.; THOMPSON, S. *Powers of desire: the politics of sexuality*. Nova York: Monthly Review Press, 1983. p. 177-205.

RODRIGUES JÚNIOR, O. M. *Parafilias: das perversões às variações sexuais*. São Paulo: Zagodoni, 2012.

ROUDINESCO, E. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

RUBIN, G. The Traffic in Women: Notes on 'The Political Economy' of Sex. In: REITER, Rayna (ed.). *Toward an anthropology of women*. Nova York: Monthly Review Press, 1975. p. 157-210.

RUBIN, G. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In VANCE, C. (ed.). *Pleasure and danger: exploring female sexuality*. Boston: Routledge, 1984. p. 267-319.

RUSSO, J. Do desvio ao transtorno: a medicalização da sexualidade na nosografia psiquiátrica contemporânea. In: GERGORI, M. F.; PISCITELLI, A.; CARRARA, S. (orgs.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond,

2004.p. 94-114.

SANTOS, R. B. *Prazeres vividos no ciberespaço: uma etnografia sobre BDSM no second life*. Trabalho apresentado na X Reunião de Antropologia do Mercosul, Córdoba, Argentina, (mimeo.), 2013.

SEDGWICK, E. K. *A epistemologia do armário*. Dossiê: Sexualidades Disparatadas. Cad. Pagu., Campinas-SP, n. 28, p. 19-54, jan.-jun.2007.

SEDGWICK, E. K. *Epistemology of the closet*. Berkeley: University of California Press, 1990.

TAYLOR, G.; USSHER, J. Making sense of S&M: a discourse analytic account. *Sexualities*. Londres, v. 4, n. 3, p. 293-314, 2001.

WRIGHT, S. Discrimination of S-M identified individuals. *Journal of Homosexuality*, v. 50. n. 2/3, p. 217-231, 2006.

ZILLI, B. D. BDSM de A a Z: a despatologização através do consentimento nos "manuais" da internet. In DIAZ- BANITEZ, M.E. ; FIGARI, C. E. *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 481- 508.

ZILLI, B. D. *A perversão domesticada: estudo do discurso da legitimação do BDSM na internet e seu diálogo com a psiquiatria*. 2007. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.